



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Humanas – IH  
Departamento de História – HIS

**O RESENTIMENTO NO DISCURSO  
DO EX-GENERAL LEÔNIDAS PIRES GONÇALVES**

**Ítalo Maciel Ouriques**

Brasília  
2016

ÍTALO MACIEL OURIQUES

**O RESENTIMENTO NO DISCURSO  
DO EX-GENERAL LEÔNIDAS PIRES GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Orientador: Daniel Barbosa de Andrade Faria.

Brasília

2016

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Humanas – IH  
Departamento de História – HIS

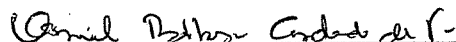
ÍTALO MACIEL OURIQUES

**O RESSENTIMENTO NO DISCURSO  
DO EX-GENERAL LEÔNIDAS PIRES GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

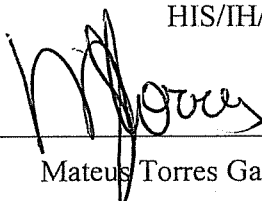
Orientador: Daniel Barbosa de Andrade Faria.

Banca Examinadora:



Daniel Barbosa de Andrade Faria – Orientador

HIS/IH/UnB



Mateus Torres Gamba – Membro

HIS/IH/UnB



Paulo Eduardo Castello Parucker – Membro

Brasília, 05 de dezembro de 2016.

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar, a partir do depoimento do ex-General Leônidas Pires Gonçalves, colhido e organizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), o ressentimento na prática política daquele ex-General do Exército. Neste sentido, é preciso sempre refletir sobre a dimensão do ressentimento ao adentrar em temas que tratam da memória e sua relação com a história, além de enfatizar a questão do elo presente-memória-passado, acerca do termo “ressentimento”. Assim, a partir do depoimento do referido oficial general, foi possível averiguar a relação que o ressentimento têm com a memória, de que forma é expresso politicamente, o vínculo que o ex-General constrói entre passado e presente e como as lembranças atuam no presente, com base no caráter seletivo e de reelaboração do passado, e de que maneira o ressentimento pode ser compreendido como uma manifestação de como o passado é abordado no presente, tendo em vista uma disputa pela memória sobre a ditadura.

**Palavras-chave:** Ressentimento. História. Memória. Disputa. Leônidas Pires Gonçalves. Depoimento.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve por norte refletir sobre o espaço do ressentimento no depoimento de Leônidas Pires Gonçalves, ex-General do Exército, de suas práticas políticas e sociais, com vistas a perceber e “adentrar os significados das emoções e das paixões na política [...] como formas constitutivas e fortemente presentes nas manifestações culturais e políticas”<sup>1</sup>. Para tanto, fez-se necessário adentrar em “questões relacionadas à memória, em sua problemática e complexa relação com a história”<sup>2</sup>.

Neste sentido, com base no depoimento daquele oficial general, foi possível verificar se há um vínculo entre a memória e o ressentimento, e de que forma tal sentimento é explicitado politicamente à vista de um conflito pela memória acerca da ditadura.

Na obra *La gestion des passions politiques*, Pierre Ansart formula algumas indagações referentes à “dimensão afetiva da vida política, os sentimentos comuns, as paixões coletivas que participam das práticas políticas”<sup>3</sup>, ao questionar: “como compreender e explicar a intensidade de uma emoção coletiva e suas consequências, a persistência de um apego, a violência de um amor ou de ódios políticos?”<sup>4</sup>. Tais observações, como salienta Bresciani e Brephol, “colocaram de forma inovadora e pioneira, nos anos 1980, a questão dos sentimentos nos domínios da ação e, mais, do pensamento político”<sup>5</sup>. Por meio de uma argumentação bem estruturada e uma refinada análise de várias situações particulares, Ansart

[...] rompia o obstáculo que se interpunha à aceitação de um domínio de estudos da política, no qual a afetividade se mostrava presente e atuante na formação de convicções particulares e de suas expressões coletivas não turbulentas<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel (Orgs.). *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 9.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>3</sup> BRESCIANI, Maria Stella; BREPHOL, Marion (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 7.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 7-8.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 8.

Doravante, Ansart fornece uma clara explicação ao ressaltar, principalmente, as dificuldades de quando se pensa em “restituir e explicar o devir dos sentimentos individuais e coletivos”<sup>7</sup>. Ou seja, a tarefa incumbida ao historiador possui uma complexidade ainda maior quando o objeto de pesquisa é um sentimento, como, por exemplo, o ódio. Aquele autor assim indaga como compreender e explicar um sentimento que, muitas vezes, não é dito, nem proclamado:

Que memória conserva o indivíduo de seus próprios ressentimentos?  
Por outro lado, que memória conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima? Que memória conserva um grupo de seus próprios ressentimentos e dos ressentimentos dos inimigos dos quais foi vítima?  
Nas democracias pluralistas, qual a atitude dos poderes públicos diante destas lembranças?<sup>8</sup>

Diante do exposto, o objetivo das linhas que se seguem percorre “a questão dos elos entre memória e esse sentimento negativo”, bem como destaca Maria Stella Bresciani e Márcia Naxara<sup>9</sup>, além de enfatizar a relação entre o ressentimento e o jogo político, levando em consideração um sujeito individual constituído de suas próprias afetividades e que, em muitos momentos, fala em nome de um grupo identitário coletivo.

Com base em Maria Celina D’Araújo, Glaucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, um dos objetivos aqui foi “justamente fazer com que os próprios militares revelassem como vivenciaram essa experiência e os sentimentos que passaram a nutrir sobre ela”<sup>10</sup>.

Algumas perguntas às quais o sociólogo francês Pierre Ansart dispõe acerca da memória dos ressentimentos são importantes para abrir caminhos a uma reflexão do ressentimento que foi vivenciado pelo ex-General Leônidas, como, por exemplo: “como os sentimentos políticos são originados numa sociedade, no interior de uma classe social

---

<sup>7</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 29.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 30.

<sup>10</sup> D’ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 11.

ou num setor político? Como são mantidos, reproduzidos ou reforçados? Como um sujeito individual é envolvido, cercado por essas paixões? Como e por que?”<sup>11</sup>.

D’Araújo, Soares e Castro atentam para a questão da escassez de estudos sobre as memórias dos militares. Neste sentido, a análise de tal grupo traz para a historiografia mais uma nova perspectiva de reflexão, a partir de novas fontes acerca, bem como de teorias e interpretações que aceitam os desafios de refletir temas complexos – no pensamento de Maria Stella Bresciani e Márcia Naxara – como, por exemplo, sobre a construção da memória e a relação desta com o ressentimento. Tal movimento não somente auxilia a apreender melhor o período sobre o qual relatam os depoentes, mas também no qual concedem o depoimento. Por meio das declarações dos militares e, sobretudo, de Leônidas, é que se faz possível perceber, através do discurso, o que deve ser lembrado, bem como aquilo que deve ser esquecido.

As linhas que se seguem buscaram se debruçar sobre o depoimento do ex-General Leônidas Pires Gonçalves, disponível na obra *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. Esta faz parte de uma coletânea organizada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), coordenada por Maria Celina D’Araújo, Glaucio Ary Dillon Soares e Celso Castro. As entrevistas ali reunidas são uma das poucas concedidas aos pesquisadores. Os militares reunidos nos depoimentos não exerciam um papel de grande importância na conspiração do golpe; no entanto, no decorrer do regime civil-militar, tornaram-se agentes importantes na manutenção da ditadura, em postos notáveis.

A obra de acesso em questão é a terceira edição, datada de 2014, cuja organização traz, primeiramente, uma introdução que faz referência ao trabalho realizado sobre a importância de estudos acerca da memória militar, além de uma discussão historiográfica dos eventos que caracterizaram a ditadura civil-militar brasileira da conspiração ao golpe, sua manutenção e disputas políticas. Tem-se ainda uma cronologia, a partir de 25 de agosto de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, até a data de 15 de março de 1967, quando o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco entrega o cargo da Presidência da República ao Marechal Artur da Costa e Silva. Em seguida, têm-se as entrevistas concedidas pelos militares, findando nas indicações biográficas dos personagens mais atuantes durante o período e um índice onomástico.

---

<sup>11</sup> ANSART, Pierre. *La gestion de passions politiques*. France: L’Age d’Homme, 1983, p. 7.

A respeito do depoente, Leônidas Pires Gonçalves nasceu no ano de 1921, no Estado do Rio Grande do Sul, e formou-se na Escola Militar do Realengo em 1942. Na obra *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*, os autores destacam que, entre os marcos mais importantes de sua carreira, “em 1964 era Tenente-Coronel e servia no Estado-Maior do Exército com o general Castelo Branco”<sup>12</sup>. Já em 1967, foi instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e, a partir de 1969, comandou o 2º Regimento de Obuses, em Itu, São Paulo. Posteriormente, passou a ser Subcomandante da ECEME e foi promovido a General de Brigada em 1973. Em março de 1974, como General de Brigada e ocupando a chefia do Estado-Maior do I Exército, passou a chefiar o Centro de Operações de Defesa Interna (CODI). Ali permaneceu até janeiro de 1978. Após tal período, em abril de 1979, assumiu a diretoria de obras e cooperação como General de Divisão e foi Comandante Militar da Amazônia e da 12ª Região Militar de 1980 até dezembro de 1981. A partir de então, foi designado Vice-Chefe do Estado Maior do Exército.

Segundo o verbete feito por Mirian Aragão, disponível no *site* do CPDOC, Leônidas Pires Gonçalves, após ter recebido a promoção de General de Divisão, foi “citado como um dos prováveis candidatos à sucessão do general João Batista Figueiredo na presidência da República”<sup>13</sup>. No entanto, assumiu o posto de Secretário de Economia e Finanças do Ministério do Exército e declarou que a abertura política era um compromisso que tinha, uma vez que em fevereiro de 1983, dava-se início a uma campanha por eleições diretas. Após a eleição de Tancredo Neves e José Sarney para a Presidência e Vice-Presidência da República, respectivamente, o presidente eleito foi internado no Hospital de Base de Brasília (HBB), onde veio a falecer. Logo, José Sarney assumiu o cargo e nomeou Leônidas como Ministro do Exército (1985-1990).

Diante do exposto, toda pesquisa histórica sugere determinados procedimentos no trato com as fontes, a fim de evitar possíveis mal-entendidos. Neste sentido, os cuidados teórico-metodológicos aqui adotados possibilitaram a realização do que foi proposto nos objetivos supramencionados, além de reconhecer os limites e enfatizar as perspectivas

---

<sup>12</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 117.

<sup>13</sup> ARAGÃO, Miriam. Verbetes: GONÇALVES, Leônidas Pires. In: *FGV CPDOC*, 2016. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leonidas-pires-goncalves-1>>. Acesso em: 30 out. 2016.



que possuem sua relevância acerca da memória militar e, sobretudo, apontar as dificuldades de se delimitar os movimentos pelos quais o ressentimento é expresso, por meio das fontes orais como objeto de pesquisa, sendo possível enriquecer as análises sobre a memória em questão.

## 2 HISTÓRIA E MEMÓRIA

Cláudio Beserra de Vasconcelos pontuou em seu texto *As análises da memória militar sobre a ditadura: balanço e possibilidades*, três características constitutivas da memória – significativas na presente análise. A primeira diz respeito à escolha das lembranças, ou seja, “o depoente está sempre procedendo a uma reelaboração através da qual memórias tidas como negativas podem, consciente ou inconscientemente, ser esquecidas”<sup>14</sup>. Aquele autor acrescenta que, em determinadas circunstâncias, tal reelaboração pode servir para que um “projeto político seja vitorioso”<sup>15</sup>, ou simplesmente esquecer.

A segunda diz respeito ao aspecto da reelaboração do passado não estar fundamentada em uma memória individual que não sofresse influências externas. “Construímos nossas lembranças na interação com a sociedade, seus grupos e instituições”, ou seja, “a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, que também é seletiva”<sup>16</sup>. De fato, as lembranças são construídas a partir do interior de um grupo, ao levar em consideração a interação entre os diversos atores e suas próprias lembranças.

O último aspecto alude à questão dos indivíduos elaborarem suas próprias memórias em uma relação mútua entre o passado e o presente. Tem-se aqui a questão da memória, o agir no presente para representar o passado e, por conseguinte, o fato de como

---

<sup>14</sup> VASCONCELOS. Cláudio Beserra de. *As análises da memória militar sobre a ditadura: balanço e possibilidades*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 65-84, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a04.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Ibidem*. Maurice Halbwachs explicita que a “memória coletiva contém memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis”. Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p. 71.

a perspectiva sobre o passado pode ser capaz de passar por mudanças, tendo em vista a época na qual é organizada, isto é, o presente<sup>17</sup>.

Enzo Traverso ressalta que durante os anos 1960 e 1970, o termo “memória” não estava presente nos debates intelectuais<sup>18</sup>. Como exemplo, tem-se a edição do ano de 1968, da *International Encyclopedia of the Social Sciences*, publicada em New York, sob a direção de David L. Sills; a obra *Faire de l’histoire*, publicada em 1974, sob a direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora; e a obra *Keywords*, de Raymond Williams. De fato, a “emergência da memória” somente se fez presente no debate historiográfico anos depois, bem como teve “sua entrada tão tardia no domínio das ciências sociais”<sup>19</sup>.

A elaboração do passado é o aspecto em comum que dá início à relação entre a história e a memória. Todavia, há uma distinção explicitada por Traverso: as qualidades da história são destacadas por ser um relato, isto é, “uma escrita do passado segundo as modalidades e as regras de um ofício [...] que tenta responder a questões suscitadas pela memória”<sup>20</sup>. À vista disso, aquele autor aponta que a história provém da memória e, num momento seguinte, a torna num de seus campos de investigação.

Traverso prossegue sua argumentação ao citar as reflexões de Walter Benjamin, a respeito da obra *Em busca do tempo perdido*, cujo autor, Marcel Proust, é referência para os estudos sobre memória. A partir da obra de Proust, Benjamin contrasta a “<<memória involuntária>>” de Proust, ao destacar que o escritor francês não descrevia uma vida tal como ela aconteceu, mas uma vida tal como alguém a rememorou. Por conseguinte, o autor italiano atenta para uma qualidade da memória, isto é, ser subjetiva, singular. Não se prende a comparações, contextualizações e generalizações<sup>21</sup>; a memória por não ser

---

<sup>17</sup> Ressaltam-se também as semelhanças entre as ideias de Halbwachs e Ecléa Bosi, de modo que as lembranças não são entendidas “no seu sentido nostálgico, estático e individual”, mas sim, a “exigência do ‘ato de lembrar’ é dada pelo presente e pelo grupo ao qual pertence o indivíduo”, como evidencia Lucileide Cardoso. Além disso, como destaca Hartog, “a rememoração é ativa, ela não é um surgimento involuntário do passado no presente; visando um momento do passado, ela tende a transformá-lo”. Cf. CARDOSO, L. C. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012, p. 31; e, HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 168.

<sup>18</sup> TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar: história, memória e política. Trad. de Tiago Avó. Lisboa: Edições UNIPOP, 2012, p. 9.

<sup>19</sup> Idem, p. 9.

<sup>20</sup> Idem, p. 21.

<sup>21</sup> Em outra passagem Traverso complementa ao dizer que a memória singulariza história por ser subjetiva e não se importar com cronologia, “reconstruções de conjunto e às racionalizações

“cristalizada” e se apresentar como “um estaleiro aberto, em contínua operação”<sup>22</sup>, está sempre em construção, que sofre influências posteriores de sabedorias aprendidas, ponderações seguintes, além de experiências que alteram a recordação. Em suma, Traverso explicita que seja ela individual ou coletiva, “é uma visão do passado que é sempre filtrada pelo presente”<sup>23</sup>.

No sentido das referidas contribuições, aquele autor italiano observa que a emergência da memória “como uma nova oficina da escrita do passado”<sup>24</sup> se deu em meio à algumas mudanças que seguiam na esteira da “crise do historicismo, da crítica do paradigma eurocentrista no período da descolonização e, depois, com a emergências das classes subalternas como sujeitos políticos”<sup>25</sup>. Tal emersão se deu em um momento de expansão de novas fontes de pesquisa para o historiador.

À vista disso, foi somente a partir do início do século XX que a história e a memória se fizeram opostas, tendo em vista as contribuições de Henri Bergson, com a Filosofia, Freud, com a Psicanálise, e Maurice Halbwachs, com a Sociologia<sup>26</sup>. Halbwachs foi o primeiro a destacar tal separação em sua obra *Memória coletiva*. Traverso salienta que foi neste momento que Halbwachs enfatizou a contradição que havia na expressão memória histórica a qual no seu entender se opõem. O autor italiano observa precisamente a obra do sociólogo francês ao ressaltar que “a história começa onde termina a tradição e <<se decompõe a memória social>>”<sup>27</sup>. Por fim, tem-se que a história “supõe um olhar exterior sobre os acontecimentos do passado, enquanto a memória implica uma relação de interioridade com os factos relatados”<sup>28</sup>.

Em outro momento de suas ideias, Traverso faz questão de salientar a questão do tempo histórico e do tempo da memória. O mais relevante acerca da referida relação é

---

globais”. Cf. TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Trad. de Tiago Avó. Lisboa: Edições UNIPOP, 2012, p. 26.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>23</sup> Idem, p. 24.

<sup>24</sup> Idem, p. 32.

<sup>25</sup> Idem, p. 30.

<sup>26</sup> Há outros autores que abordaram a questão, tais como Henri Bergson, em *Matéria e memória*, publicado em 1896, e Marcel Proust, na obra *Em busca do tempo perdido* (1913-1917). No entanto, é a partir das considerações de Maurice Halbwachs que se faz possível perceber um novo campo de estudos relacionado à memória social.

<sup>27</sup> TRAVERSO, op. cit., p. 32.

<sup>28</sup> TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Trad. de Tiago Avó. Lisboa: Edições UNIPOP, 2012, p. 33.

entender que tais temporalidades não coincidem entre os dois conceitos. Contudo, podem se cruzar, se chocar e se entretecer frequentemente. Ao mencionar a tese XV, uma passagem das teses *Sobre o conceito de história*, de Walter Benjamin, na qual narra um evento acerca da revolução de julho de 1830 em que pessoas, de várias localidades de Paris, no mesmo momento, atiravam contra os relógios nas torres “como se quisessem parar o dia”; segundo Traverso, Benjamin apontava para a inserção de um novo calendário pela revolução: “a da lembrança, a da revolução como ator redentor da memória dos vencidos”<sup>29</sup> o qual se distingue da temporalidade dos relógios.

Aí se faz necessário destacar as contribuições de Jeanne Marie Gagnebin, sobretudo, a respeito da relação entre o passado e o presente. A filósofa suíça sublinha, assim como Traverso, das teses *Sobre o conceito de história*, uma passagem de Benjamin: “articular o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo”<sup>30</sup>. Em suma, tem-se um trecho de Benjamin que trata da relação do presente do historiador que é mantida com o passado, como seu objeto de investigação: “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas aquele preenchido pelo tempo-agora [Jetztzeit]”<sup>31</sup>.

Tal argumentação faz lembrar a passagem sobre *O narrador*, de Benjamin, a qual Gagnebin faz referência. O caráter “do catador de sucata e de lixo”, cujo ofício seria o de juntar os cacos, os restos, instigado pela pobreza, se distingui em prol da vontade de nada ser perdido, esquecido. A narração dos grandes feitos, ou seja, da narração tradicional não figura mais uma exigência desse narrador sucateiro, desse historiador, mas sim, a noção de uma narração em ruínas, “uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas”<sup>32</sup>, dos rastros deixado pelo passado.

Por fim, Gagnebin explicita que o conceito de rastro se remete à questão da memória e o conjunto de problemas que a cerca. Ao se indagar do por que esse conceito de rastro é constantemente empregado quando se reflete sobre a memória, aquela autora responde que em tal relação há uma tensão entre a presença e a ausência, isto é, “presença

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>30</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 40.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 53.

do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente<sup>33</sup>.

### 3 O RESSENTIMENTO DIANTE DAS DISPUTAS DA MEMÓRIA

João Roberto Martins Filho, em seu texto *A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares*<sup>34</sup>, enfatiza a produção memorialística desde os anos 1970 acerca da ditadura civil-militar<sup>35</sup>. Aquele autor destaca uma luta política durante os momentos que perpassavam as publicações de livros tanto da parte dos militares, como dos militantes de esquerda e de depoimentos de ambos. E ainda, evidencia a dinâmica da publicação dessas memórias e a tensão constituída.

Neste sentido, Martins Filho, em sua produção historiográfica, dá ênfase nos temas a respeito da ditadura e da memória militar.

Em um movimento parecido pelos militantes de esquerda e pelos militares, ambos os grupos se esforçaram para elaborar uma própria narrativa em relação aos eventos sobre o período em questão. Sobre a questão, Martins Filho sugere dois movimentos em tal embate. Com atenção para as duas campanhas, nas palavras do autor, sobre a produção memorialística da esquerda, vale destacar as publicações *Em câmera lenta*, de Renato Tapajós, e *O que é isso companheiro?*, de Fernando Gabeira, que também foi acompanhada de trabalhos historiográficos, de empreendimentos cinematográficos. A intenção desse grupo de militantes da esquerda foi de evocar, por meio das lembranças, o que aconteceu durante a ditadura civil-militar, ao trazer à margem as brutalidades ocorridas. Uma segunda fase destacada por Martins Filho pode ser observada na obra *Brasil nunca mais*, cujo objetivo também foi a restauração da memória a respeito da tortura.

<sup>33</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 44.

<sup>34</sup> MARTINS FILHO, João Roberto. *A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares*. In: *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos*, Dallas, 27 a 29 de março de 2003.

<sup>35</sup> O autor não faz uso do termo “ditadura civil-militar”, mas somente “militar”. O termo é meu, tendo em vista uma produção historiográfica a respeito do assunto, que observou a participação de setores da sociedade civil tanto na conspiração do golpe, quanto na manutenção. À vista das contribuições de René Armand Dreifuss, Carlos Fico sublinha que houve uma “culminância de um movimento civil-militar” em 1964. Cf. FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

De fato, a guerra da memória se deu nesse empenho dos militantes de esquerda em trazer à tona temas polêmicos. Assim, rompeu-se um silêncio dos militares com o propósito de narrar os próprios acontecimentos sob a insígnia da verdade.

Neste sentido, as obras *Rompendo o silêncio* e *A verdade sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra<sup>36</sup>, e *Brasil sempre*, de Marco Pollo Giordani<sup>37</sup>, podem ser revisitadas. As narrativas memorialísticas dos militares tiveram o propósito de dar uma resposta à produção dos militantes de esquerda, conforme evidencia Martins Filho<sup>38</sup>. Um segundo momento do qual o autor faz menção refere-se justamente aos depoimentos organizados pelo CPDOC. Aqui vale destacar as entrevistas do ex-General Leônidas, o qual está inserido nessa disputa pela memória. E, acima de tudo, sublinha-se a noção de ressentimento no relato do depoente como sendo uma das formas manifestadas que se posiciona contrariamente à construção de uma historiografia e memória da ditadura, pelos militantes de esquerda.

[...] eu acho que a razão por que ele fez isso é que nós das Forças Armadas – e costume dizer isso até com a finalidade de irritar os esquerdistas – tivemos um faro histórico: há cinquenta anos nós descobrimos que o comunismo era um embuste<sup>39</sup>.

<sup>36</sup> Carlos Alberto Brilhante Ustra chefiou a Operação Bandeirantes e o Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército, entre 1970 a 1974. Além disso, “foi Instrutor-Chefe do Curso de Operações na Escola Nacional de Informações (EsNI) e Chefe da Seção de Operações do Centro de Informações do Exército”, de 1975 a 1979. É conhecido como “Major Tibiriçá” e reconhecido como “torturador durante o regime militar do Brasil pela justiça comum de São Paulo e é acusado de ser o responsável por cerca de 50 mortes e centenas de casos de tortura que teriam ocorrido nas dependências do DOI-CODI sob seu comando”. É autor da obra *Rompendo o silêncio*, de 1987, e também de *Verdade sufocada – A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*, de 2006. Cf. MOTA, Aricildes de Moraes (Coord.). História oral do Exército – 1964, 31 de março. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Tomo 5, 2003, p. 217; e, CARDOSO, L. C. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012, p. 51.

<sup>37</sup> Marco Pollo Giordani “foi ex-agente do DOI-CODI e tenente da 2ª Seção (serviço secreto) do Comando Militar do Sul nos anos 1970”. Elaborou três livros sobre o percurso político do Brasil, quais sejam: *Operação Estrela Vermelha*, *O cachorro – A história de um espião* e *Brasil sempre*. Por fim, como destaca Lucileide Cardoso, Giordani “foi acusado de ser um autor negacionista do Holocausto ocorrido na Segunda Guerra Mundial”. Cf. CARDOSO, L. C. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012, p. 60.

<sup>38</sup> MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. In: *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos*, Dallas, 27 a 29 de março de 2003.

<sup>39</sup> D’ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 126.

Por ora, a passagem supramencionada é a primeira onde Leônidas fala em nome desse grupo que detém o mesmo sentimento. Ao referir-se a “nós das Forças Armadas”, o ex-General se coloca como constituinte de um grupo, e nesse momento se passa por seu porta-voz, afirmando possuírem ‘todos’ tal visão. E, especificamente em relação a esse trecho, é possível perceber um “ato, fala ou atitude de desrespeito; insulto, afronta, ofensa”<sup>40</sup>, uma atitude com a finalidade de irritar “os esquerdistas”. A partir daí, é possível questionar: qual conclusão poderia ser tirada dessa fala? Um ódio compartilhado contra “os esquerdistas”? O que fica aparente é que, a todo momento, o discurso está permeado de sentimentos. Aqui é possível observar o que explicita Ansart, onde o historiador deve “estudar as linguagens, os modos de comunicação e transformá-los em sintomas”<sup>41</sup>, que no discurso do oficial em questão, são colocados nesse contexto de batalha pela memória, deixando claro a disputa em questão.

Outros aspectos aos quais Leônidas faz referência são: a causa do golpe, o destaque à figura do ex-ditador Castelo e o grupo de coronéis que estavam ao seu lado no golpe e onde se reuniam. Mas, principalmente, o que mais permeia seu depoimento é a questão do ressentimento, do anticomunismo, e o quanto está associada a sentimentos. Ao longo de sua explanação sobre alguns acontecimentos a respeito do golpe, ou melhor, do que poderia ter ocorrido para desencadear o golpe, Leônidas, através da linguagem, revela um sentimento compartilhado por todos no grupo do qual faz parte<sup>42</sup>. Assim, é

---

<sup>40</sup> HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1569.

<sup>41</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 29.

<sup>42</sup> Pierre Ansart destaca que há quatro atitudes possíveis a serem distinguidas, que atravessam, ao mesmo tempo, a memória individual e as memórias coletivas, a saber: 1) a tentação do esquecimento; 2) a tentação da repetição; 3) a tentação da revisão; e, 4) a tentação da reiteração, da exasperação da memória dos ressentimentos. Quanto à rememoração: “a tentação do esquecimento dos ressentimentos, que é também uma estratégia de apaziguamento, suscita a irritação de muitos para os quais os ódios de que foram vítimas estendem suas consequências no presente”. Já sobre as revisões: “desde então, abrem-se múltiplas querelas ou conflitos designados pela expressão ‘guerra de memória’, tendo como um dos objetivos a afirmação e revisão das memórias e dos ressentimentos”. Por fim, a intensificação: reiteração ou exasperação do ressentimento. Cf. ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 30-34.

possível inferir, então, que o sentimento percebido na fala de Leônidas, um espírito de unidade, dava escopo para o golpe. Nessa perspectiva, a respeito do sentido social de ressentimento, Konstan<sup>43</sup> analisa o ensaio *Fear, hatred, resentment: delineating paths to ethnic violence in Eastern Europe*, de Roger Peterson. Segundo aquele autor, Peterson explana que a questão do ressentimento é uma “emoção que deriva da percepção de que o grupo ao qual se pertence está em uma posição injustamente subordinada em uma hierarquia de *status*”<sup>44</sup>. A partir daí, atesta-se a associação do ressentimento a um grupo. Logo, muitas vezes, o relato de Leônidas se dá na primeira pessoa do plural, “nós”, ou na terceira pessoa do plural, “eles”, como, por exemplo, nas expressões “somos ressentidos”<sup>45</sup>, “essas coisas nós não perdoamos” ou “acho que as Forças Armadas até hoje são ressentidas com a sociedade brasileira”.

A socióloga Aline Prado Atassio argumenta que tais depoimentos foram produzidos como uma resposta à esquerda e relatos civis, tendo em vista uma clara intenção de elaborar o passado, com base no motivo que tanto incomodava os militares quando estes concediam as entrevistas<sup>46</sup>. Tal contestação tem por base as críticas dos militares à elaboração de uma memória própria acerca da ditadura, sobretudo, ao

---

<sup>43</sup> David Konstan elaborou três conotações para o termo, devido aos problemas com relação à tradução do conceito. Assim sendo, ressalta o sentido psicológico, social e existencial para o termo ressentimento. Ao falar do sentido psicológico, tal sentimento está associado a “algo como a raiva ou a irritação perante uma desfeita (KONSTAN, 2004, p. 61)”. Ademais, aquele autor se ampara no argumento de P. F. Strawson, em *Freedom and resentment*, de que as situações nas quais ocorre ressentimento são aquelas em que se pode perceber “que alguém é ofendido ou injuriado pela ação de outro. E, por fim, complementa ao argumento de Strawson a noção de que “ressentimento é geralmente um sentimento duradouro”, não fugaz, “sendo cultivado e acalentado”. Cf. KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: *Ibidem*, p. 61.

<sup>44</sup> *Idem*, p. 61.

<sup>45</sup> A respeito do sentido existencial do ressentimento, Konstan ressalta haver uma “moderna tradição especulativa ou filosófica” que pensa acerca desse sentido, assim o historiador norte-americano cita Dostoievski, Nietzsche, bem como Max Scheler e Martin Heidegger. No entanto, aquele autor focaliza na definição dada por Scheler, retirado de seu estudo *Ressentiment* (1998). “[Ressentimento é] uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de se permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. As emoções e afetos primordialmente referidos são vingança, ódio, malícia, inveja, o impulso a diminuir e desprezar”. Cf. *Idem*, p. 62.

<sup>46</sup> ATASSIO, Aline Prado. *A batalha pela memória: os militares e o golpe de 1964*. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, São Carlos, SP, p. 12. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1483/2514.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 out. 2016.



mencionar a Lei de Anistia de 1979<sup>47</sup>, e que tal empreendimento por parte dos militantes de esquerda “representaria uma violação ao próprio princípio da Anistia”<sup>48</sup>. Uma conjuntura na qual havia inúmeras práticas de políticas de reparação financeira com comissões estaduais de anistia, mas também com a Comissão da Verdade criada em 2002.

Em depoimento gravado em vídeo e disponibilizado na *internet*, Leônidas se refere às reparações financeiras da Comissão de Anistia como “bolsa ditadura”<sup>49</sup>. É exatamente por meio dessas declarações que se percebem os ressentimentos ali existentes e escolhidos para rememorar.

Têm-se ainda outros trechos que devem ser destacados, que possuem os mesmos aspectos explanados anteriormente – passagens que atestam o caráter do tempo verbal e que revelam o ressentimento ainda vivo por parte dos militares:

[...] acho que as Forças Armadas até hoje são ressentidas com a sociedade brasileira. Porque a sociedade brasileira nos levou, foi uma das responsáveis pela Revolução de 64, e hoje em dia a mídia não se cansa de nos jogar na cara que nós somos torturadores, que somos matadores, que somos isso, somos aquilo.<sup>50</sup>

“Acho que há muita injustiça”<sup>51</sup>, expressa o ex-General na forma de um sentimento, de uma sensação, completando o argumento de que as Forças Armadas são ressentidas com o Brasil. Isso se dá pelo fato de que, no golpe e durante a ditadura militar, a mídia apoiou os militares, e no momento em que foram “derrotados”, a mídia passou a condená-los. Há um sentimento de injustiça também por outros motivos, como, por exemplo, as indenizações àqueles que sofreram com a ditadura por meio de perseguições políticas e torturas, e as políticas do governo em relação à anistia política – algo que, para

---

<sup>47</sup> BRASIL. *Lei n. 6.683, de 28 de agosto de 1979*. Concede anistia e dá outras providências. Brasília, 1979. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm)>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>48</sup> MARTINS FILHO, op. cit.

<sup>49</sup> REACIONÁRIOS. *Entrevista Globo News*: Gal. Leônidas Pires Gonçalves fala sobre o Regime Militar. 11 de março de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZhPTwO6CXps>>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>50</sup> D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe*: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 127.

<sup>51</sup> Idem, p. 119.

Leônidas, é injusto, uma vez que estes que sofreram, em sua visão, eram “criminosos contra a pátria”<sup>52</sup>.

Vasconcelos destaca que um dos aspectos indispensáveis referentes às recordações dos militares “é o sentimento de derrota em relação ao tipo de memória que a sociedade constituiu sobre eles”<sup>53</sup>. Aquele autor ainda complementa que os militares ressentidos e “traídos pela sociedade”<sup>54</sup> lembram que no golpe tiveram apoio da sociedade civil, cuja intervenção e permanência foi clamada pelos civis.

No sentido dessas reflexões, outro aspecto importante ganha ênfase: atentar ao tempo cronológico no qual esses sentimentos estão aflorados. O depoimento refere-se ao período de janeiro a março de 1992, isto é, esse ressentimento ainda se manifesta. Tal impressão advém do relato de Leônidas, que narra acontecimentos do passado recorrendo à memória, utilizando o tempo verbal do presente para expressar seu ressentimento, como, por exemplo: “Essas coisas todas nós não perdoamos” (ao relatar um episódio em que o avô de seu assistente, Coronel Bastos, foi morto por causa de algumas “revoltas comunistas”<sup>55</sup>). Logo após a descrição do acontecimento, o ex-General conjuga o verbo “perdoar” no presente do indicativo, na terceira pessoa do plural. Aqui é possível observar que esse ressentimento existia na época em que o Coronel Bastos foi morto, mas também que ainda estava vivo no momento da entrevista. Ademais, há o fato de o verbo estar na terceira pessoa do plural, o que indica um ressentimento coletivo por parte dos militares.

Até agora se percebe um tempo histórico no testemunho de Leônidas, no que tange ao ressentimento; ou, como o próprio depoente explana, “uma certa mágoa”. Ainda assim, é importante ressaltar outro tempo presente no relato daquele oficial, um tempo anterior aos supramencionados. Durante a construção da narrativa e encadeamento dos fatos pelo ex-General, foi possível constatar outro momento no qual esse ressentimento já era apresentado “pelos militares”: ao afirmar que “esse sentimento que estava arraigado no

---

<sup>52</sup> Idem, p. 119.

<sup>53</sup> VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. As análises da memória militar sobre a ditadura: balanço e possibilidades. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 65-84, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a04.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe*: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 127.

espírito do soldado brasileiro espocou no Castelo”<sup>56</sup>; e ao relatar o acontecimento envolvendo o Coronel Bastos. Isto é, tem-se a impressão de que esse sentimento já existia e era comum antes do golpe de 1964.

Conforme o exposto, é possível observar o que Jeane Marie Gagnebin afirma em *Lembrar, escrever, esquecer*, nos dois tempos verbais percebidos no discurso de Leônidas, isto é, essa “relação entre o presente e o passado também é profundamente histórica”<sup>57</sup>. A fim de elucidar um pouco mais a questão do tempo histórico e da manifestação desse ressentimento através da memória tanto no passado, como no presente, através da memória<sup>58</sup>, aquela autora ressalta que a rememoração expressa “uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente”<sup>59</sup>. Portanto, refletir sobre o ressentimento do ex-General não somente revela a relação que tinha com o passado, mas também da forma como ele sente que esse passado é abordado pelo presente, tendo em vista essa disputa pela memória.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória, propriamente dita, e até mesmo arquivada, é para o historiador tanto fonte, quanto objeto de pesquisa. Neste sentido, Izabel da Silva recorda que os trabalhos que adotam como metodologia a história oral “representam importantes instrumentos para a compreensão da construção”<sup>60</sup>, onde se pode analisar a maneira pela qual uma sociedade ou um indivíduo se representam. E, sobretudo, ao objeto da pesquisa aqui trabalhada, aquela autora destaca um argumento preciso da historiadora Beatriz Sarlo, ao ressaltar os riscos de se analisar memórias que são narradas na primeira pessoa, pois essas narrativas “supervalorizam o caráter de subjetividade”<sup>61</sup>. No entanto, como salienta Marieta

<sup>56</sup> Idem, p. 127.

<sup>57</sup> GAGNEBIN, Jeane Marie. *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 39.

<sup>58</sup> Sobre uma discussão mais específica a respeito da relação passado-presente, cf. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1990; HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015; e, KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

<sup>59</sup> GAGNEBIN, op. cit., p. 39.

<sup>60</sup> SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Narrando o inenarrável: a literatura de testemunho de Bernardo Kucinski. *Revista Outras Fronteiras*, Cuiabá, v. 1, n. 1, p. 50-71, jun. 2014.

<sup>61</sup> Ibidem.

Ferreira, o historiador deve compreender essa situação como mais um aspecto a ser analisado na fala da testemunha<sup>62</sup>. Tal como pontua Cláudio Beserra de Vasconcelos, o pesquisador que se propõe a trabalhar com depoimentos “precisa levar em consideração o processo complexo de construção da memória” e se atentar ao “caráter coletivo, seletivo, e à interação permanente entre passado e presente durante todo o processo”<sup>63</sup>.

Refletir a respeito dos sentimentos, das sensibilidades na prática política, se constitui um desafio para os historiadores quando da discussão de aspectos relativos à memória e sua relação conflituosa com a história, como enfatizou Sarlo; mas também, uma dificuldade, sobretudo ao tentar aprofundar temas da história e memória dos ressentimentos e seus vínculos.

À vista disso, a análise acerca do ressentimento presente no discurso do ex-General Leônidas Pires Gonçalves demonstra tais dificuldades, pois, existem inúmeros aspectos que compõem a maneira pela qual o ressentimento é expressado. No caso específico de Leônidas, é possível perceber uma reiteração ou exasperação dos ressentimentos, tal como destaca Ansart. O uso do termo “ressentimento”, além de ser constantemente utilizado para designar um sentimento individual, é explicitado de modo coletivo em nome das Forças Armadas, conferindo um espírito de unidade.

Outra particularidade do modo como esse ressentimento é manifestado, tendo em vista a relação entre o passado e o presente, é a emergência do passado no presente e o modo como as lembranças atuam no presente. Além disso, é importante destacar a forma como Leônidas acredita que o passado é debatido no presente. O ressentimento foi a maneira pela qual se percebeu que o ex-General responde a essa a tensão estabelecida entre a disputa sobre a memória e historiografia a respeito da ditadura, principalmente, do modo como esse tema foi tratado pelos militantes de esquerda, sociedade civil, mídia e historiografia.

Logo, há eventos na construção da narrativa de Leônidas que ainda não foram resolvidos, como, por exemplo, ao recordar a morte do Coronel Bastos. Algo que não

---

<sup>62</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 314-32, 2002. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>63</sup> VASCONCELOS. Cláudio Beserra de. As análises da memória militar sobre a ditadura: balanço e possibilidades. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 65-84, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a04.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

somente o ex-General, como também as Forças Armadas, ainda não perdoaram<sup>64</sup>. E ainda, o caráter psicológico de como os ressentimentos são expressidos, ou seja, como uma condição duradoura.

Por fim, é importante destacar novamente, uma das perguntas que Ansart delineou acerca desses sentimentos, a qual se mostra essencial e que ainda necessita de mais reflexões e contribuições: como delimitar o devir desses sentimentos?

## 5 REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. *La gestion de passions politiques*. France: L'Age d'Homme, 1983.

ARAGÃO, Miriam. Verbete: GONÇALVES, Leônidas Pires. In: *FGV CPDOC*, 2016. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leonidas-pires-goncalves-1>>. Acesso em: 30 out. 2016.

ATASSIO, Aline Prado. *A batalha pela memória: os militares e o golpe de 1964*. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, São Carlos, SP. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1483/2514.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 out. 2016.

BRASIL. *Lei n. 6.683, de 28 de agosto de 1979*. Concede anistia e dá outras providências. Brasília, 1979. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm)>. Acesso em: 30 out. 2016.

BRESCIANI, Maria Stella; BREPHOL, Marion (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CARDOSO, L. C. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 314-32, 2002. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2016.

<sup>64</sup> D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (Orgs.). *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 126.

- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. In: *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos*, Dallas, 27 a 29 de março de 2003.
- MOTA, Aricildes de Moraes (Coord.). *História oral do Exército – 1964*, 31 de março. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003. Tomo 5.
- NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel (Orgs.). *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.
- REACIONÁRIOS. *Entrevista Globo News: Gal. Leônidas Pires Gonçalves fala sobre o Regime Militar*. 11 de março de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZhPTwO6CXps>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Narrando o inenarrável: a literatura de testemunho de Bernardo Kucinski. *Revista Outras Fronteiras*, Cuiabá, v. 1, n. 1, p. 50-71, jun. 2014.
- TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Trad. de Tiago Avó. Lisboa: Edições UNIPOP, 2012.
- VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. As análises da memória militar sobre a ditadura: balanço e possibilidades. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 65-84, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a04.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

**APÊNDICE “A” – DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE****DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Ítalo Maciel Ouriques, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *O ressentimento no discurso do Ex-General Leônidas Pires Gonçalves*, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Ítalo Maciel Ouriques

Ítalo Maciel Ouriques

Brasília, 05 de dezembro de 2016.